



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
COGEAE

FLÁVIA ROGÉRIA DA SILVA

**Tessituras sobre fundamentos, paradigmas e
conceitos de Currículo em Educação**

São Paulo

2010



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
COGEAE

FLÁVIA ROGÉRIA DA SILVA

**Tessituras sobre fundamentos, paradigmas e
conceitos de Currículo em Educação**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência parcial à
obtenção do título de Especialista, no
curso de especialização em Magistério
de Ensino Superior, da PUCSP, sob a
orientação da Profa. Dra. Alda Luiza
Carlini.

São Paulo

2010



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo COGEAE

SILVA, Flávia Rogéria. Capítulo 1 - Tessituras sobre fundamentos, paradigmas e conceitos de Currículo em Educação. In: **O processo de implementação das orientações curriculares na Cidade de São Paulo** (título provisório). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. PUCSP. 2010. flaviaroger@hotmail.com

RESUMO:

O presente texto tem por finalidade apresentar, de forma panorâmica, os aspectos de cosntituem a construção curricular de um currículo escolar, bem como as implicações que se desdobram a partir dos modos de pensar e fazer currículo escolar. Nesse sentido, esse trabalho mostra que o currículo escolar funda-se como forma institucionalizada de seleção e transmissão dos elementos da cultura de uma dada sociedade, o que se vincula estreitamente com o aspecto da qualidade do ensino ofertado e requer, portanto, reflexão sistemática acerca do currículo como elemento de estruturação direta do saber e indireta de validação desse saber no meio social. Existe uma pluralidade de definições para currículo no entanto, mais importante que entender as definições, é identificar os valores implícitos nelas e o campo de abrangência e problematização do termo. Para compreender o currículo, é preciso considerá-lo nas dimensões conceitual e pragmática e gestá-lo com a perspectiva, inclusive, de minoração de desigualdades, como um plano de trabalho que concatena os projetos e as necessidades dos alunos e alunas, com a necessária flexibilidade e, ainda, dispara seus sonhos e aspirações no sentido de tornarem-se homens úteis, conscientes e, porque não, em algum grau, felizes. Este trabalho visa contribuir para a reflexão sobre as possibilidades do Currículo Escolar por seus protagonistas. Para isto, foram utilizados instrumentos de pesquisa bibliográfica e midiográfica, destacando-se nesse segundo a utilização de mecanismos de pesquisa avançada do google, cielo, diretórios de pesquisas acadêmicas e outros provedores, e ainda, as ferramentas de mapa conceitual e mapa de nuvens, para organização de idéias e conceitos a fim de visualizar e nortear tecnicamente essa produção. Este Currículo que humaniza e que pode mesmo ser objeto de humanização, bem como os caminhos percorridos pelo campo de estudo de currículo e as demandas deste nos dias atuais, foram sinalizados à luz de Apple, Freire, Giroux, Hamilton, Ponce, Sácristan e Silva.



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo COGEAE

Palavras chave: cultura, currículo, escola, gestão curricular, sociedade.

Tessituras sobre fundamentos, paradigmas e conceitos de Currículo em Educação

Creio que algum dia veremos currículos escolares que tornarão possíveis amplas formas de conhecimento e modos de avaliação que poderão capturar a riqueza de suas conseqüências.

Elliot Eisner

O currículo escolar tem permeado as discussões, cada vez mais de forma contundente, no cenário educativo. Essa preocupação justifica-se pela constatação de que a cultura a ser difundida nos sistemas educacionais e escolarizantes é aquela que se legitima na vida social das novas gerações.

Desse modo, o currículo funda-se como forma institucionalizada de seleção e transmissão dos elementos da cultura de uma dada sociedade, o que se vincula estreitamente com o aspecto da qualidade do ensino ofertado e requer, portanto, reflexão sistemática acerca do currículo como elemento de estruturação direta do saber e indireta de validação desse saber no meio social.

Para muitos profissionais da Educação e para a maior parte da sociedade, o currículo está relacionado aos planos de ensino, ou seja, à relação de conteúdos a serem ministrados em determinado ano ou série da educação. Outros, de forma conjugada, associam o termo ao sentido restrito de



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo COGEAE

grade curricular, referindo-se ao número de aulas que cada componente curricular ocupa na carga horária total de um determinado curso.

O uso do termo currículo, no Brasil, é de certo modo recente, pois foi a partir do século XIX que ele foi empregado para fazer alusão aos conteúdos trabalhados nas escolas.

Logo, é possível depreender que existe uma pluralidade de definições para currículo, sendo mais importante que entender as definições, identificar os valores implícitos nestas e o campo de abrangência e problematização do termo.

Ainda assim, não é irrelevante resgatar que, como David Hamilton (1992) relembra, a emergência do termo, no século XVI, esteve vinculada às novas concepções de eficiência social e escolar, repercutindo em transformações pedagógicas significativas. O termo *curriculum* foi utilizado no Ensino Superior para fazer referência à coerência estrutural, ou seja, disciplinar, por componente curricular, e ainda, interna, de ordem sequencial dos conteúdos de cada componente curricular, que deveria contemplar determinado curso. Nesse sentido, “um currículo não deveria só ser seguido, como também deveria ser concluído.” (HAMILTON, 1992, p. 45), o que confirma um evidente princípio de racionalidade relacionado ao surgimento e utilização do termo currículo no campo educacional, que ganha redimensionamento no século XX, ao generalizar-se a utilização do termo na educação, atrelado a princípios de padronização, eficiência, controle e administração educacional e social.

Outrossim, enveredando um pouco mais sobre a origem e o estudo do termo, vale rememorar que os primeiros estudos sistemáticos de currículo foram realizados, no início do século XX, nos Estados Unidos, por Franklin Bobbit que, influenciado pelo movimento da administração científica na



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo COGEAE

indústria, imbuíu-se a empregar de forma adaptativa esses princípios na administração das escolas.

Nesse sentido, Bobbit preocupou-se inicialmente em potencializar a utilização do espaço físico das unidades escolares e, depois, em racionalizar o currículo por meio da sua diferenciação, segundo as diferentes aptidões dos alunos e suas ocupações sociais na estrutura de classes da sociedade. Estava subjacente a este pensamento uma visão burocrática, que concebia a escola como uma fábrica, guiada pelos dogmas da predeterminação e previsibilidade, privilegiando-se os objetivos educacionais estabelecidos inicialmente, sem qualquer abertura para revisão ou flexibilidade.

Essa abordagem prevaleceu no tratamento do currículo norte-americano durante a maior parte do século XX, mesmo a despeito de posições opostas, que ganhavam força com o modelo de objetivos proposto por Ralph Tyler, em 1949, e propunha quatro operações básicas para nortear o trabalho educativo: objetivos educacionais que a escola deve atingir, experiências oferecidas para atingir tais objetivos, de que maneira essas experiências deveriam estar organizadas, e de que forma poder-se-ia determinar que os objetivos foram atingidos.

Para Tyler, o currículo era concebido como uma atividade também racional, com a roupagem da neutralidade, sob o argumento básico de que a qualidade da instrução escolar continuaria baixa enquanto professores não aprendessem a planejar devidamente o ensino e a perseguir o alcance dos objetivos determinados, o que exigia não considerar os determinantes sociais, culturais, econômicos e políticos imbricados na escolha de tais objetivos. Outra característica subjacente a essa concepção de currículo está na dicotomia estabelecida entre o que deve ser ensinado e a forma como deve ser ensinado.

Este modelo tecnicista e também linear, com proeminências a-históricas e descontextualizadas, ganhou a atenção de vários estudiosos na década de



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo **COGEAE**

1960 e 1970, na Inglaterra e também nos Estados Unidos, o que deu origem a uma revisão crítica, que se consolidou no campo da Sociologia da Educação, constituindo uma nova vertente na concepção de currículo, mais tarde desdobradas em outras ramificações, mas em princípio reconhecida no grande grupo das teorias críticas.

Nesse contexto, a Nova Sociologia da Educação trouxe à tona os pressupostos do currículo, questionando suas determinações sociais e suas relações com a estrutura social de poder. Logo, nos Estados Unidos, se destacaram dois movimentos de revisão do conceito de currículo. Um dos movimentos era fortemente embalado pelo pensamento de Paulo Freire, buscando enfatizar o enfoque histórico hermenêutico no trabalho do currículo, o que requereria colocar em foco o aluno como sujeito do processo e a comunicação interpessoal como centro do método.

O outro movimento organizou-se majoritariamente em torno das idéias de Michael Apple e Henry Giroux que, por sua vez, estavam enraizados no neomarxismo da Escola de Frankfurt e imersos nas premissas, conforme Domingues (1986), de que:

“o currículo não pode ser separado da totalidade do social, sendo historicamente situado e culturalmente determinado; é um ato inevitavelmente político que objetiva a emancipação das camadas populares; a crise que atinge o campo do currículo não é conjuntural, é profunda e de caráter estrutural”.(p.89)

Nessa perspectiva crítica de currículo, floresce nos trabalhos de Apple o conceito de currículo oculto, que segundo ele “consiste em normas e valores que são implícitos, porém efetivamente transmitidos pelas escolas e que habitualmente não são mencionados na apresentação feita pelos professores dos fins e objetivos” (APPLE,1982, p.127). Então, é possível compreender que o currículo oculto diz respeito ao conjunto de normas e concepções que os



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo COGEAE

professores e demais educadores indiretos transmitem a seus alunos e alunas durante as atividades escolares e durante as demais atividades nos ambientes escolares, sem planejarem ou sem terem consciência que assim são disseminadas ideologias, concepções de mundo, oriundas de determinados grupos hegemônicos da sociedade e que podem, inclusive, estar a serviço da manutenção e reprodução de desigualdades sociais.

Ainda, considerando o currículo oculto, vale confirmar suas características, conforme Tomaz Tadeu da Silva, para o qual, o currículo oculto consiste em “todos os efeitos de aprendizagem não intencionais que se dão como resultado de certos elementos presentes no ambiente escolar” (SILVA, 1992, p.103).

Contudo, é necessário ter cautela para não tomar por currículo oculto a abordagem dos conhecimentos prévios dos alunos e alunas, que são mobilizados no processo de aprendizagem na escola para oportunizar, até mesmo, a apropriação de outros conhecimentos.

Tais considerações abalaram os fundamentos e a hegemonia do até então emergente paradigma técnico-linear de currículo, elucidando aspectos acerca da subordinação do campo de estudo do currículo aos princípios e intenções de regulação e controle social.

Atuando na mesma direção, no sentido de questionar o paradigma técnico de currículo, emergiu na década de 1980, também a partir do cerne das teorias críticas, outra abordagem teórica substancial reconhecida como abordagem processual ou prática. Essa abordagem visa compreender o currículo em ação, entendido aqui como o conjunto de contextos de concretização do currículo, desde sua prescrição até sua concretização em situação de aprendizagem.

Essa abordagem de currículo, proposta por Gimeno Sácristan, compreende “o projeto seletivo da cultura, cultural, social, política e



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo COGEAE

administrativamente condicionado que preenche a atividade escolar e que se torna realidade dentro das condições da escola tal como ela se encontra configurada” (GIMENO SÁCRISTAN, 1998, p. 35).

Essa compreensão de currículo conjuga três aspectos: os conteúdos de ensino - que se pretende ensinar - do projeto cultural da escola; as condições políticas, administrativas e institucionais em que esse projeto se realiza e o reconhecimento de que sua efetivação sofrerá repercussão, dentre outras variáveis, de: condições do trabalho e formação docente, número e características de alunos e alunas por classe, existência ou inexistência de material didático.

Sendo assim, é possível extrair dessa abordagem que, para compreender o currículo, é preciso considerá-lo nas dimensões conceitual e pragmática; sendo a primeira dimensão de natureza teórica destinada a compreender as determinações e o funcionamento do currículo dentro da escola; e a segunda dimensão de natureza prática, ou seja, de execução, posta em ação, de concretização.

Nesse sentido, as instâncias de concretização do currículo compreendem seis níveis de desenvolvimento do currículo, a saber: prescrito, apresentado aos educadores, modelado pelos educadores, em ação, realizado, e então avaliado, sempre imbricado com os condicionamentos escolares e com os campos econômico, político, social, cultural e administrativo.

Ainda há que se considerar que, para o estudo do currículo, emergem dois focos de abordagem da avaliação: a avaliação da aprendizagem do aluno e a avaliação do currículo.

Então, ao mergulhar na finalidade do currículo, torna-se evidente que pensar currículo em educação constitui uma instigante interrogação acerca da prática e do trabalho educativos, um processo incessante na tentativa de



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo **COGEAE**

democratizar a cultura, experimentando novas possibilidades a fim de superar velhas limitações.

A educação que é, por destinação e natureza, humanizadora, não o é sempre por concretude e isso se configura muito antes das práticas efetivas dos currículos, no planejamento deste e até mesmo nas relações que se estabelecem para a sua construção que, em muitas escolas, se dá num ambiente de "espontaneísmo", ou seja, se planeja porque é ofício do professor e da equipe, mas a reflexão sobre a importância de planejar e ou construir o currículo e como fazê-lo para humanizá-lo diante das demandas sociais reais e arrasadoras que se apresentam nos ditos tempos modernos, nem sempre é ponto da pauta deste "fazer o currículo" que, por muitas vezes, se torna um momento banalizado e pouco criterioso.

O currículo deve ser pensado como perspectiva, inclusive, de minoração de desigualdades, então é pressuposto que, uma vez delineado no Projeto Pedagógico das escolas, ele deve ser entendido como um plano de trabalho que concatena os projetos e as necessidades dos alunos e alunas, com a necessária flexibilidade e, ainda, que dispara seus sonhos e aspirações no sentido de tornarem-se homens úteis, conscientes e, porque não, em algum grau, felizes.

Para sistematizar todo este projeto curricular é preciso, antes, avaliar o que já foi feito, o que se faz, e por que se faz; eis aí uma atividade pouco presente no cotidiano escolar.

O currículo escolar deve estar constituído de conteúdos procedimentais e atitudinais, além dos já reconhecidos conceituais, sem perder de vista as demandas advindas do diagnóstico obtido a partir da leitura e do tratamento das informações sociais de ordem econômica, política, ideológica e cultural dos alunos e alunas.



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo COGEAE

Tais demandas são instrumentalizadoras de um currículo efetivo e, por que não declarar, de um currículo significativo, contextualizado, com fim maior de promover a construção integralmente humana e de alavancar nos alunos e alunas seus sonhos e sua consciência em torno das limitações sociais, de toda ordem, que possuem para então, conscientes destas, instrumentalizarem-se para libertarem-se ou trabalharem sobre estas, a fim de plenificarem sua ação cidadã e sua existência humana.

O navegador Amir Klink é um homem extremamente audacioso. Não é um mero aventureiro. Ele é capaz de permanecer por quatro ou cinco meses em bloco de gelo lá no Pólo Sul. Mas, antes de partir a bordo do seu Paratii II, ele planeja, estrutura, organiza (o grifo é meu). Klink nos ensina algo ótimo quando pensamos em excelência. Ele diz que há pessoas que, quando estão observando o processo de navegação, prestam atenção apenas às grandes ondas. Todavia, o que faz com que o navegador, vez ou outra, se desvie da rota ou o que provoca avarias no barco são as pequenas ondas, que vão batendo no casco, bem devagar. (Cortella, 2007)

Logo, é mister que toda escola e todo educador não se esquive da “observação das pequenas ondas”, para navegar com convicção e ofertar, através do Currículo Escolar, ações efetivas que possam humanizar e ou fazer sonhar nossos alunos e alunas enquanto trabalham juntos, no cotidiano de cada dia letivo de efetivo trabalho escolar. Tudo isso, rumo à consolidação de um Currículo que humanize e que seja objeto de humanização.

Referências Bibliográficas e Midiográficas

APPLE, Michael W. **Ideologia e Currículo**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
COGEAE

BRASIL, MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, Brasília: SEF/MEC, 1997.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Qual é a tua obra?** Inquietações propositivas sobre Gestão, liderança e ética. 8. ed. São Paulo: Vozes, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIROUX Henry A. **Os Professores como Intelectuais**. Porto Alegre: Artmed 2007.

GIROUX Henry A. *O pós-modernismo e o discurso da crítica educacional*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org) **Teoria Educacional crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre: Artmed 2007

HAMILTON, David. *Sobre as Origens dos termos Classe e Currículo*. **Teoria & Educação**, v.6, 1992.

PONCE, Branca Jurema. *A educação em valores no currículo escolar*. In: **E-Curriculum**, v.5, dez-2009, p.1-16.

PONCE, Branca Jurema. *O que a escola tem a oferecer para a formação do jovem?* In: **Revista Onda Jovem**, nº 15 – jun/2009 – seção ensaio.

SÁCRISTAN, J.G. **Currículo**: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu. *A política do Currículo Oculto*. In: **O que produz e o que reproduz em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1992

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

TYLER, Ralph. **Princípios Básicos de Currículo e Ensino**. Porto Alegre: Globo, 1981.